

**Ana Gabriela Oliveira Lima**



**O ENSINO DE ARTES E O DIREITO À CIDADE**

**O ENSINO DA FOTOGRAFIA COMO UMA PROPOSTA DE ESTRATÉGIA DE  
INTERVENÇÃO URBANA**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2015

**Ana Gabriela Oliveira Lima**

## **O ENSINO DE ARTES E O DIREITO À CIDADE**

### **O ENSINO DA FOTOGRAFIA COMO UMA PROPOSTA DE ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO URBANA**

#### **Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Gabriela Maria Garzon

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Lima, Ana Gabriela Oliveira, 1989

O ensino de Artes e o direito à cidade: O ensino da fotografia como uma proposta de estratégia de intervenção urbana. Especialização em Ensino de Artes Visuais/ Ana Gabriela Oliveira Lima. – 2015.

42 f.

Orientadora: Gabriela Maria Garzon

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Garzon, Gabriela Maria. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. O ensino de Artes e o direito à cidade: O ensino da fotografia como uma proposta de estratégia de intervenção urbana.

CDD: 707



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Escola de Belas Artes**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes**  
**Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia intitulada *O Ensino de Artes e o direito à cidade: O ensino da fotografia como uma proposta de estratégia de intervenção urbana*, de autoria de Ana Gabriela Oliveira Lima, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Gabriela Maria Garzon - Orientadora

---

João Augusto Cristeli de Oliveira - Membro da Banca

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha  
Coordenador do CEEAV  
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos professores, tutores e colegas do curso de especialização pelo aprendizado durante estes dois anos. Agradeço à professora Gabriela Maria Garzon e à tutora Marcella Furtado pela orientação, e a minha família e amigos pelo incentivo. Um obrigada, em especial, a meu pai Alex, a meu tio Renato e a meu namorado Jasper pelo constante apoio.

## RESUMO

Este trabalho investiga a relação entre o ensino/aprendizagem em Artes e o direito à cidade. Apresenta uma análise do projeto de intervenção urbana "Mapa Gentil", desenvolvido no Distrito Federal e entorno, e uma proposta metodológica para o ensino da fotografia e de aspectos da intervenção urbana. O objetivo dessa metodologia é apresentar aos alunos noções básicas sobre essas linguagens e, ao mesmo tempo, abordar criticamente o conceito do direito à cidade.

Palavras-chave: Ensino de Artes; Fotografia; Intervenção urbana; Direito à cidade.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura I – Oficina Mapa Gentil.....	19
Figura II – Oficina Mapa Gentil.....	21
Figura III – Oficina Mapa Gentil .....	22
Figura IV – Oficina Mapa Gentil.....	22
Figura V – Modelo de Questionário.....	27
Figura VI – Modelo de Questionário.....	28
Figura VII – Esquema geral de uma câmara escura.....	29
Figura VIII – <i>View from the window at Le Gras</i> . Niépce, 1826.....	30
Figura IX – Chuva rápida na sexta-feira.Uai Phone, 2015.....	30
Figura X – Martin Luther King.Cartier-Bresson, 1961.....	31
Figura XI – <i>A sugar cane cutter holds her machete</i> . Abbas, 1984.....	32
Figura XII – Intervenção urbana. Patrícia Gouvêa, 2013.....	33

## SUMÁRIO

Introdução.....	9
1.1. O Ensino de Arte no Brasil.....	11
1.2. O direito à cidade.....	13
1.3. A fotografia e a intervenção urbana.....	15
1.3.1. Intervenção urbana.....	16
2. Análise do projeto Mapa Gentil.....	18
3. Proposta metodológica para a oficina "Fotografia e Cidade: hora de intervir".....	23
3.1. Etapas da metodologia.....	24
3.1.1. Apresentação da oficina "Fotografia e Cidade: hora de intervir".....	25
3.1.2. Aplicação do questionário.....	25
3.1.3. Aula: Princípios básicos da fotografia.....	29
3.1.4. Aula: Intervenção Urbana.....	32
3.1.5. Elaboração do projeto coletivo.....	33
3.1.6. Produção fotográfica e análise.....	34
3.1.7. Intervenção e documentação.....	35
3.1.8. Reflexão.....	35
Considerações finais.....	36
Referências.....	37
Anexos.....	39

## Introdução

O presente trabalho investiga a relação entre o ensino/aprendizagem em Artes e o direito à cidade. A partir dessas reflexões e uma análise do projeto "Mapa Gentil"- iniciativa de intervenção urbana desenvolvida no Distrito Federal e região - proponho uma metodologia para o ensino da fotografia como ferramenta de intervenção urbana. O objetivo desta metodologia é trabalhar com os alunos noções de fotografia e intervenção, bem como refletir criticamente sobre a questão do direito à cidade.

Para autores como Fernandes (2014), a intervenção urbana é estratégia eficaz para promover uma nova dinamicidade na relação entre indivíduo e cidade. Essa nova relação das pessoas com o espaço pode gerar a vivência e a experimentação da urbe como lugar de direito, o que é justamente a ideia do termo "direito à cidade" (LEFEBVRE, 2008).

Esse termo foi criado pelo francês Lefebvre (2008) e pode ser entendido a partir de várias acepções. Uma delas é a dita acima, na qual debate-se o direito da população de usufruir a cidade e participar do processo de construção da urbe. Esse tema mostra-se pertinente no Brasil, no qual processos como a segregação de parcela da população em relação ao usufruto de certos locais públicos são recorrentes<sup>1</sup>.

Meu interesse pela temática surgiu antes mesmo de dar início a essa especialização. Durante minha graduação em jornalismo, concluída em 2013 pela Universidade Federal de São João del Rei, descobri meu interesse em pesquisar temas relativos à vida na cidade e aos direitos humanos. Como trabalho de conclusão de curso, fiz um livro-reportagem sobre a limpeza urbana e a saúde pública em São João del Rei, Minas Gerais. Além das reportagens sobre direitos humanos, eu flanei pela cidade tentando conhecer melhor a identidade dela. Isso porque eu encaro a(s) cidade(s) como personagem(s) que tem personalidade, história e vida, assim como o fez João do Rio em seu livro 'A alma encantadora das ruas', sobre o Rio de Janeiro do início do século XX.

---

<sup>1</sup> Notícia " PM do Rio impede adolescentes da periferia de ir às praias da zona sul". Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/vice/2015/08/1673548-pm-do-rio-impede-adolescentes-da-periferia-de-ir-as-praias-da-zona-sul.shtml>>. Acesso em: 30 set. 2015.

Ao pensar em temas que me interessariam para a realização de minha monografia em Ensino de Artes Visuais, despertou-se em mim a vontade de investigar como a intervenção urbana pode modificar a relação do indivíduo com a cidade e se ela pode contribuir para promover uma postura mais cidadã nesses indivíduos. Além do mais, assim como o direito à saúde pública, à limpeza urbana e à cidade, é também direito do cidadão o acesso ao ensino de Artes nas escolas. A lei 12.287 torna obrigatório tal ensino na Educação Básica, mas, como estudante e como futura professora em Ensino de Artes Visuais, compreendo o desafio de ajudar a construir uma cultura que reconheça nas Artes um campo de conhecimento, tal como outras disciplinas já tradicionais no currículo escolar brasileiro.

Para investigar essas relações aqui expostas, o presente trabalho dividiu-se em três capítulos. No primeiro, traço as relações entre o ensino/aprendizagem em Artes e o direito à cidade, bem como entre a fotografia e a intervenção urbana.

No segundo capítulo, apresento uma breve análise do projeto "Mapa Gentil", proposta que oferece oficinas de intervenção urbana aos habitantes do Distrito Federal e região, cujo objetivo é promover um novo olhar criativo sobre a cidade e modificar as relações entre indivíduos e seu entorno.

Já no terceiro capítulo, proponho a definição de uma metodologia na qual se possa ensinar fotografia e intervenção urbana aos alunos, ao mesmo tempo em que se possa promover uma reflexão crítica sobre a relação do indivíduo com a urbe, com o enfoque no conceito de Lefebvre (2008).

Dessa forma, faremos, nas próximas páginas, uma investigação sobre as possíveis relações entre o ensino de Artes e o direito à cidade.

## 1.10 Ensino de Arte no Brasil

A primeira tentativa de organização do ensino de Arte no Brasil ocorreu na primeira metade do século XIX, com a chegada da corte portuguesa e da Missão Francesa, formada por artistas que trouxeram consigo novas propostas estéticas para o Brasil e chegaram a criar a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, depois renomeada como Academia Imperial de Belas- Artes (GOUTHIER, 2009).

Nesse contexto, o ensino de Artes se afasta do ensino popular e se torna predominantemente burguês, mas algumas iniciativas, como o Liceu de Artes e Ofícios de Bethencourt da Silva, inaugurado em 1856, tentam aproximar tal ensino da educação popular.

No início do século XIX, o ensino de Arte - leia-se o ensino do desenho - é defendido por intelectuais de ideário positivista como fundamentalmente necessário à educação popular, visto que servia à técnica e à ciência. Com a instauração da República no Brasil, tal perspectiva passa a prevalecer no país.

Segundo Gouthier (2009), além da visão positivista, havia, nos séculos XIX e XX, perspectivas liberais no ensino da arte e outros modelos importados, como a pedagogia experimental, para a qual o ensino do desenho interessava porque possibilitava a análise cognitiva da criança.

A primeira metade do século XX também foi marcada por reformas no campo do ensino. Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro capitanearam algumas delas. De acordo com Gouthier (2009), a reforma do Rio de Janeiro foi importante ao propor novas metodologias e diretrizes. Também nessa época, a Escola Nova, outro modelo importado ao Brasil, teve forte influência no cenário do ensino. Gouthier (2009) explica que:

As reformas educacionais desencadeadas pelo Movimento da Escola Nova no ensino elementar e secundário reforçam a idéia da arte como expressão de outras disciplinas e o desenho como reflexão visual, segundo Barbosa (2002), que ressalta a forte influência do pensamento de John Dewey nesse processo (p. 14).

Para a autora, o pensamento de Dewey foi mal interpretado pela Escola Nova, que acabou por instrumentalizar a arte como ferramenta para outras disciplinas. Um pouco mais tarde, nos anos 30, iniciativas como a Escola Brasileira de Arte focaram o ensino da disciplina como expressão da

subjetividade, bem como as Escolinhas de Artes do fim dos anos 40. Já na ditadura Vargas, de 1937 a 1945, ganham espaço os desenhos geométricos e pedagógicos (GOUTHIER, 2009).

Após a redemocratização, o ensino oscila entre modelos importados e aqueles mais autônomos, bem como tentativas de democratização da Arte, desencadeadas por movimentos sociais. Entretanto, com o Golpe de 64, o ensino de Arte recebe o nome de Educação Artística e passa a abarcar de forma superficial as artes visuais, teatro, dança e música. A disciplina, então, passa a ser obrigatória no currículo do Ensino Fundamental. Após a ditadura, e com a pressão da sociedade civil, é promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN -Lei 9.394/ 96). Essa lei substitui a Educação Artística pela disciplina Arte e legitima-a como área de conhecimento.

Outra grande conquista para a área foi a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), baseado na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, que enfatiza a disciplina como campo de conhecimento e propõe o ensino/aprendizagem por meio da tríade fazer artístico, leitura da obra de arte e história da arte (BARBOSA, 2008).

Como é possível notar por essa breve reflexão sobre a história do Ensino da Arte no Brasil, muitas conquistas já ocorreram. A Arte, nos colégios, já foi mera atividade recreativa, já foi instrumentalizada para servir a outras disciplinas, já se resumiu a desenhos pedagógicos e geométricos, além de haver passado por muitos outros caminhos desde a primeira tentativa de organização de seu ensino durante a Missão Francesa.

Os PCN legitimaram a disciplina como área de conhecimento, dotada de especificidades próprias valorosas para o desenvolvimento dos alunos-cidadãos brasileiros. Como afirma Gouthier (2009), o desafio agora é transformar o que foi garantido em lei em práticas cotidianas no ensino da Arte, por meio de um ensino/aprendizagem que respeite a complexidade e as características dessa área de conhecimento.

## 1.2. O direito à cidade

Há várias possibilidades de interpretação em relação ao termo "direito à cidade", criado por Lefebvre em 1968. Neste trabalho, interessa abordar o termo focando-se no que se diz respeito ao usufruto dos espaços públicos por parte dos cidadãos. Assim, refletiremos adiante sobre possíveis relações entre o direito à cidade e o ensino/aprendizagem em Artes.

No livro *O direito à cidade* (2008), Lefebvre explica como o processo de industrialização mudou a configuração das urbes. Segundo o autor, o capital e as classes mais privilegiadas moldam as cidades segundo seus próprios interesses, excluindo grande parte da população dos benefícios da vida urbana.

Sobre o tema, o teórico social David Harvey (2008) também defende que o processo de urbanização acontece em todo o mundo de forma a utilizar o excedente de capital produzido pela sociedade liberal. No texto "O direito à cidade" (traduzido do original "The right to the city" pelo professor da Unesp Jair Pinheiro), o autor cita alguns exemplos de casos de urbanização, como a de Paris na segunda metade do século XIX, nos quais o excedente de capital foi utilizado de forma a privilegiar pequenos grupos dominantes e negar o direito à cidade a milhares de trabalhadores. No Brasil, a urbanização do Rio de Janeiro no início do século XX, inspirada pelo processo francês, foi alvo da atenção de João do Rio (2008), que percebia desde aquela época como a cidade do Rio de Janeiro escorraçava seus pobres em nome de uma pretensa modernização do centro urbano.

Esse processo de urbanização, explica Harvey, é feito, então, de forma a privilegiar pequenos grupos em detrimento das massas. Mas o autor explica que a construção da cidade voltada para todos os cidadãos é um direito comumente negado no mundo todo. Ele faz a ressalva:

O direito à cidade está muito longe da liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização. A liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos é, como procuro argumentar, um dos mais preciosos e negligenciados direitos humanos (HARVEY, 2008, p.2).

O autor também cita o caso da cidade de Nova York, que tem sido remodelada de forma a beneficiar Wall Street e os mais ricos. Segundo ele, a cidade está se promovendo em uma "localização ótima para grandes negócios e destino fantástico para turistas. Com efeito, ele [prefeito da cidade, Michel Bloomberg] está tornando Manhattan um vasto condomínio fechado para ricos" ( HARVEY, 2008, p. 14).

Apesar de garantido pelo Estatuto da Cidade (Lei 10.257/01), de forma prática o direito à cidade é negado diariamente a uma grande parte dos brasileiros. Se João do Rio já apontava o fenômeno no início do século XX, nestes primeiros anos do século XXI, a questão permanece. Com frequência, é possível encontrar nos jornais notícias relacionadas à segregação de jovens, impedidos de usufruir de certos espaços públicos. Um dos casos mais recentes e de maior repercussão aconteceu no Rio de Janeiro, no dia 23 de agosto de 2015, no qual jovens da periferia foram impedidos pela polícia de chegar a uma praia zona sul<sup>2</sup>. Eles foram apreendidos, embora não tivessem cometido qualquer delito.

Ao mesmo tempo, a gentrificação, processo no qual busca-se mudar o perfil social de bairros, regiões ou cidades, substituindo-se um grupo por outro de maior poder aquisitivo, é tema constante no noticiário, sobretudo devido às mudanças que as cidades vêm sofrendo por causa de eventos de caráter internacional, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Assim, de forma prática, o direito à cidade é, como tantos outros direitos humanos no Brasil, ainda vulnerável e merece, portanto, atenção especial por parte da sociedade civil.

Em seu livro, Lefebvre (2008) sinaliza como a arte e a intervenção urbana podem auxiliar na reconquista da cidade. Telésforo (2011) salienta:

Lefebvre pensa o espaço como "a inscrição do tempo no mundo": os ritmos da população urbana definem o cotidiano, formado por uma multiplicidade de momentos, com diferentes durações: trabalho profissional, voluntário, descanso, arte, jogo, amor, luta, conhecimento, lazer, cultura... A nova sociedade urbana nascerá da alteração dos seus ritmos, de modo a propiciar o uso completo dos lugares, com plena fruição de direitos. Para tanto, é preciso contrariar o *status quo* de segregação e uniformização do cotidiano (com hipertrofia dos momentos de trabalho alienado), por meio da

---

<sup>2</sup> Notícia "Polícia impede jovens da periferia de irem à praia no Rio de Janeiro". Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/08/policia-impede-jovens-da-periferia-de-irem-a-praia-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 15 set. 2015.

contestação e da vivência concreta de experiências alternativas, mais espontâneas e autênticas, propiciadas, por exemplo, pela arte e por atividades lúdicas comunitárias, como festas e jogos no espaço público. Para Lefebvre, por meio dessas formas de contracultura, de primado da imaginação sobre a razão, da arte sobre a ciência, da criação sobre a repetição, é possível restaurar a cidade como *obra* dos cidadãos.

Seguindo-se esse raciocínio, é possível pensar que o ensino de Artes na escola, por meio de uma abordagem que reconheça as especificidades do campo e que seja pautada na tríade contextualizar, fazer e apreciar arte, possa, por meio da fotografia e da intervenção urbana, contribuir para renovar a relação entre aluno e cidade? O ensino/aprendizagem em Artes pode, assim, ajudar a pensar a questão do direito à cidade?

Para refletir sobre tais questões, traçarei algumas relações entre a fotografia, a intervenção urbana e a cidade.

### **1.3. A fotografia e a intervenção urbana**

Desde a invenção da câmara escura no período da Renascença, a imagem fotográfica já cumpriu muitos papéis até chegar ao status de obra de arte. A realização da primeira impressão fotográfica é atribuída ao francês Niépce e datada de 1826. Desde então, foi por muito tempo vista como mero recurso técnico; simples aparato para a captura da realidade. Por isso, provocou reação forte entre estudiosos e críticos, que relutavam em identificar qualquer característica que aproximasse a imagem fotográfica do mundo artístico. Um desses críticos mais famosos foi o poeta francês Baudelaire. Em carta datada de 1859, ele afirmava:

Nesses dias deploráveis, produziu-se uma nova indústria que muito contribuirá para confirmar a idiotice da fé que nela se tem, e para arruinar o que poderia restar de divino no espírito francês. Essa multidão idólatra postulou um ideal digno de si, e apropriado a sua natureza, isso está claro. Em matéria de pintura e de escultura, o Credo atual do povo, sobretudo na França ( e não creio que alguém ouse afirmar o contrário) é este: "Creio na natureza e creio somente na natureza (há boas razões para isso). Creio que a arte é e não pode ser outra coisa além da reprodução exata da natureza (um grupo tímido e dissidente reivindica que objetos de caráter repugnante sejam descartados, como um penico ou esqueleto). Assim, um mecanismo que nos oferecer um resultado idêntico à natureza será arte absoluta". Um Deus vingador acolheu as súplicas dessa multidão. Daguerre foi seu Messias. E então ela disse a si mesma: "Visto que a fotografia nos dá todas as garantias desejáveis de exatidão (eles crêem nisso, os insensatos), a arte é fotografia". A partir desse momento, a sociedade imunda se lança,

como um único Narciso, à contemplação de sua imagem trivial sobre o metal. Uma loucura, um fanatismo extraordinário se apodera de todos esses adoradores do sol (BAUDELAIRE, 1859 apud ENTLER, 2007 apud RAMOS, 2009, pág. 3)

Entretanto, marginalizada até metade do século XX, a fotografia vai aos poucos conquistando espaço nas Artes. TRIGO (2010) explica:

Rouillé lembra que, até chegar ao estágio atual de material pleno da arte contemporânea, a fotografia precisou superar diversos estágios: depois de rejeitada pela arte (na época dos Impressionistas), foi entendida como paradigma da arte (com Marcel Duchamp), como ferramenta da arte (com Francis Bacon e Andy Warhol) e como vetor de práticas artísticas (com a Arte Conceitual, a *Body Art* e a *Land Art*). Passou, assim, de ferramenta subalterna ou acessória a material central da produção artística, a ponto de fazer surgir "uma outra arte dentro da arte".

Assim, se, num primeiro momento, a fotografia era vista como mero "espelho do real", já que era tida como uma representação objetiva e direta da realidade, com o decorrer do tempo, o caráter subjetivo da fotografia não só foi reconhecido como apropriado pela classe artística. É neste contexto de expansão de conceitos que a fotografia se insere em fenômenos como o da intervenção urbana, na qual a cidade deixa de ser mero objeto de documentação e "passa a ser sujeito de ações inscritas em seu próprio corpo [...] " ( FERNANDES, 2014, p.2).

### **1.3.1 Intervenção urbana**

A enciclopédia Itaú Cultural define o termo 'intervenção' como, dentre outras definições, uma vertente da Arte, que pode ser formada por diversas técnicas e tendências, voltada para transformar e interferir "no plano físico, intelectual ou sensorial" (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, s.d ), e que pode ocorrer tanto em áreas externas quanto internas. Sobre o termo:

Tomando o significado do vocábulo intervenção - como ação sobre algo, que acarreta reações diretas ou indiretas; ato de se envolver em uma situação, para evitar ou incentivar que algo aconteça; alteração do estabelecido; interação, intermediação, interferência, incisão, contribuição - podemos destacar alguns aspectos que singularizam essa forma de arte: a relação entre a obra e o meio (espaço e público), a ação imediata sobre determinado tempo e lugar, o intuito de provocar reações e transformações

no comportamento, concepções e percepções dos indivíduos, um componente de subversão ou questionamento das normas sociais, o engajamento com proposições políticas ou problemas sociais, a interrupção do curso normal das coisas através da surpresa, do humor, da ironia, da crítica, do estranhamento. A reversibilidade de sua implantação na paisagem, seu caráter efêmero, é outra característica das intervenções (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, s.d).

No Brasil, essa prática artística se consolida nos anos 70, a partir da intervenção de grupos como o 3nós3, Viajou sem passaporte e Manga Rosa (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, s.d ). Já nos anos 90, nota-se o engajamento de tais práticas artísticas com questões sociais e políticas, muitas vezes a partir da associação entre coletivos de artistas e movimentos sociais. Ao mesmo tempo, tornam-se comuns intervenções patrocinadas por instituições públicas ou privadas.

No caso das intervenções realizadas em espaços públicos, o artista busca alternativas aos circuitos oficiais, de forma a aproximar-se do público e até mesmo ampliá-lo. Para alguns autores, quando o artista faz esse movimento de se inserir no espaço urbano, ele logra estabelecer novas relações entre esse espaço e aqueles que ali transitam. Fernandes (2013), por exemplo, defende o potencial da intervenção urbana em modificar o cenário a sua volta e a relação entre transeuntes e cidade. Para ela, a intervenção urbana pode ajudar a despertar 'o olhar acostumado a não ver' dos cidadãos.

Sobre o tema, Fernandes (2013) se indaga:

[...] a intervenção urbana, pela fotografia artística, propiciaria uma nova dinamicidade das ruas e da própria fotografia? A inserção das obras dos artistas, mesmo que de forma transitória, influenciariam no ver, ouvir e sentir as veias pulsantes da cidade e de outros modos de concepção do fazer fotográfico? Assim, fotografia artística e cidade se entrecruzariam nas intervenções urbanas, possibilitando diálogos e reflexões sobre o espaço urbano e o estar de cada um no mundo? (p.394).

Para a autora, a intervenção urbana gera novas formas de ver, comunicar e interagir com a urbe. Na verdade, para ela, esse movimento gera, até mesmo, novas formas de apropriação da cidade.

Tendo em vista essas reflexões, propõe-se a análise do projeto "Mapa Gentil", iniciativa que trata da relação entre intervenção urbana e a forma como os cidadãos interagem com a cidade, para, a partir daí, propor uma metodologia

de ensino da fotografia com a qual possamos refletir sobre essas possíveis relações.

## **2. Análise do projeto Mapa Gentil**

Como dito anteriormente, propõe-se, nesta etapa da monografia, a análise de um projeto pautado nesta reflexão sobre a intervenção urbana e a sua influência na relação entre o indivíduo e a cidade. O projeto escolhido para análise foi o "Mapa Gentil", iniciativa que ocorre no Distrito Federal e região desde o ano de 2012. Como será detalhado mais adiante, tal projeto trabalha com diversas linguagens artísticas e não especificamente com a fotografia. Entretanto, ele foi escolhido para análise porque apresenta informações sistematizadas sobre o tema principal desta monografia, sendo ele a relação entre o ensino de Artes, por meio de oficinas de intervenção urbana, e a maneira como os alunos/cidadãos interagem com suas cidades.

Antes de optar pela análise desse projeto, foi realizada uma extensa pesquisa em busca por outros objetos para análise. Porém, e embora a existência de inúmeros projetos de intervenção urbana seja facilmente comprovada a partir de uma simples navegação na internet, não é fácil ou comum encontrar informações sistematizadas sobre esses projetos e suas propostas metodológicas.

Desta maneira, não se encontrou, durante a pesquisa, nenhum projeto cuja proposta seja exatamente igual a essa aqui pretendida, ou seja, cuja proposta metodológica seja pautada no ensino da fotografia, com o enfoque na relação entre o ensino de Artes e o direito à cidade. Assim, "Mapa Gentil" foi escolhido para análise por ser um projeto que contém informações sistematizadas sobre a relação entre intervenção urbana e ocupação da cidade. Ainda que tal projeto não seja pautado no ensino da fotografia, tal análise servirá de contraponto, mais adiante, para a apresentação de uma metodologia que, partindo dessas reflexões, foque no ensino de Artes e na sua relação com o conceito do direito à cidade.

Vale ressaltar também que, devido ao extenso caminho percorrido para a elaboração deste trabalho (laboriosa pesquisa sobre os referenciais teóricos,

investigação e análise de projetos já realizados, elaboração de uma proposta metodológica, etc.), não será possível, neste momento, a aplicação da metodologia proposta no capítulo 3, ainda que essa etapa impreterivelmente ocorra no futuro. Expostas essas observações, sigamos para a análise do Mapa Gentil.

Projeto de arte-educação iniciado em 2012, o "Mapa Gentil" associa diferentes linguagens artísticas, intervenção urbana e reflexão sobre a relação das pessoas com o espaço público. O projeto, que ocorre no Distrito Federal e entorno, já tem quatro edições. Cada edição possui temática própria. A temática de 2015 é "Arte urbana em trânsito". Nesta edição, tenta-se revitalizar espaços públicos a partir da instalação de placas de trânsito especiais, dedicadas a "questões sociais, humanas, filosóficas e ecológicas" ( MAPA GENTIL, s.d ).

Figura I



Placa produzida durante a quarta edição do projeto Mapa Gentil. Distrito Federal, 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mapa.gentil/?fref=ts>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

Apesar de cada edição desenvolver uma temática diferente para nortear as intervenções pela região, o projeto é pautado, sobretudo, na ideia de "estimular um olhar criativo sobre a cidade do Distrito Federal e entorno [...] ( MAPA GENTIL, s.d ), além de modificar as relações entre as pessoas e as suas cidades e promover a revitalização dos espaços públicos. De acordo com o site da iniciativa,

As ações propostas pelo Projeto buscam a inserção democrática da arte no cotidiano das pessoas, ressignificando o espaço coletivo, embelezando muros, ruas e prédios. Dessa forma, o Mapa Gentil propõe um diálogo entre os indivíduos e o seu espaço, estimulando a reflexão sobre a sociedade e as relações humanas, promovendo a

conscientização para o bem comum, e integrando cidade, coletivo e arte  
( MAPA GENTIL, s.d )

São diversas as linguagens artísticas trabalhadas pelo projeto, como a pintura, a poesia, o estêncil e o grafite. Entretanto, a fotografia ainda não foi contemplada em nenhuma das edições por causa da ausência de recursos para imprimir fotos, segundo a artista plástica e diretora do projeto Janaína André<sup>3</sup>. A idealização do Mapa Gentil foi inspirada na obra e filosofia de José Dadrino, o profeta Gentileza, conhecido por suas inscrições no viaduto da Avenida Brasil, no Rio de Janeiro.

De acordo com o site do projeto, a realização de cada edição respeita a seguinte metodologia: em um primeiro momento, jovens e adultos interessados na iniciativa participam de oficinas de intervenção urbana, realizadas por artistas da comunidade e convidados. Após a elaboração do material e intervenção, é criado um roteiro cultural que reúne os vários pontos da cidade que receberam alguma intervenção. Esse mapa é distribuído para a população, que pode, inclusive, fazer uma visita guiada a esses locais. A edição de 2014, cujo tema foi " A natureza das coisas", respeitou a seguinte dinâmica:

Nesta edição, serão realizadas oito oficinas de intervenção urbana ministradas pelos artistas: Pedro Sangeon, Renato Moll e Marina Mara. As aulas acontecem no espaço jovem de expressão em Ceilândia Norte, localizada na Praça do Cidadão EQNM 18/20 todas as terças e quintas das 14:00 às 17:30 durante os meses de fevereiro, março e abril. Após a criação das obras de intervenção e a formação do museu aberto, ofereceremos um roteiro cultural de visitação e percurso a todas as obras, com o apoio de mediadores (*mediadores*) especializados, que irão conduzir os visitantes a um diferente passeio pelas cidades por meio da arte oferecendo também informações locais, culturais e históricas sobre cada região. O museu será inaugurado em agosto e as visitas são abertas a redes de ensino médio e à comunidade através de agendamento. O circuito é gratuito e tem duração de uma hora e meia [...]  
( MAPA GENTIL, s.d )

A iniciativa surgiu a partir da colaboração de professores do Centro de Ensino Médio e Escola Industrial de Taguatinga e alcançou mais espaços na cidade, por meio do incentivo do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal e

---

<sup>3</sup> Janaína André, uma das idealizadoras do Mapa Gentil, gentilmente respondeu a algumas perguntas sobre o projeto, via e-mail, além de disponibilizar o acesso ao catálogo da edição 2014 do Mapa Gentil (ANEXO A e B).

outros patrocinadores. Segundo a idealizadora Janaína André, o projeto é capaz de ressignificar realidades individuais e coletivas (MAPA GENTIL, s.d ). Ainda segundo ela, é possível perceber “[...] grandes mudanças nos alunos, na medida em que nos relataram que foram tomando consciência do trabalho coletivo, mudaram de ideia sobre carreiras profissionais e se sentiram mais seguros para procurar o primeiro emprego”<sup>4</sup>.

Desde sua implantação, o projeto vem, de fato, modificando a "face" da região. Segundo o site do Mapa Gentil, até a terceira edição já haviam sido feitas mais de 97 intervenções.

Figura II



Oficina Mapa Gentil. Distrito Federal, 2014. Disponível em: <<http://mapagentil.com.br/galeria-de-fotos/>>. Acesso em: 27 set. 2015.

---

<sup>4</sup>ANDRÉ, Janaína. Sobre o projeto Mapa Gentil [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[gabriela.olima@yahoo.com.br](mailto:gabriela.olima@yahoo.com.br)> em 16 nov. 2015 (ANEXO A).

Figura III



Oficina Mapa Gentil. Distrito Federal, 2014. Foto: Paula Carrubba. Disponível em: <<http://mapagentil.com.br/galeria-de-fotos/>>. Acesso em: 27 set. 2015.

Figura IV



Oficina Mapa Gentil. Distrito Federal, 2014. Foto: Paula Carrubba. Disponível em: <<http://mapagentil.com.br/galeria-de-fotos/>>. Acesso em: 27 set. 2015.

Levando-se em consideração essas observações, percebe-se que o projeto, claramente, colabora para a reflexão sobre questões sociais e urbanas. Ainda assim, sob a perspectiva do conceito do direito à cidade por ora analisada nesta monografia, é possível pensar em uma proposta de projeto mais incisiva do que o Mapa Gentil no que se diz respeito à reflexão crítica sobre as relações entre o indivíduo e a cidade.

Muitas vezes, por exemplo, observa-se que o discurso que permeia o material disponível sobre o Mapa Gentil se encaminha para uma perspectiva que vê na intervenção urbana uma estratégia para o embelezamento de "ruas, muros e prédios" (MAPA GENTIL, s.d ) e de "valorização de uso" dos espaços públicos:

Através do programa educativo, jovens e comunidade são incentivados a tomar iniciativas que colaborem com a transformação do espaço escolar e lugares próximos a ele, promovendo a valorização do bairro e estimulando o turismo, a responsabilidade social e a cidadania.( MAPA GENTIL, s.d ).

Assim, por meio da intervenção urbana, pode-se afirmar que o projeto contribui para renovar a relação entre aluno e cidade, mas não é possível afirmar, necessariamente, que ele contribua para pensar a questão do direito à cidade, haja vista que tal conceito passa pela problematização da cidade como lugar de direito, e não como mero lugar a ser revitalizado ou valorizado.

Dessa forma, é importante pensar na elaboração de um projeto cuja metodologia busque problematizar a relação do indivíduo com a cidade de maneira mais crítica, com o enfoque no direito à cidade.

A proposta metodológica que pretende abarcar tais requisitos encontra-se detalhada a seguir.

### **3. Proposta metodológica para a oficina "Fotografia e cidade: hora de intervir"**

Levando-se em consideração as reflexões expostas acima,propõe-se o desenvolvimento de uma metodologia na qual o professor possa ensinar a fotografia como recurso estratégico para a intervenção urbana e avaliar o

impacto da metodologia na relação do indivíduo com a cidade, no que tange as reflexões concernentes ao direito à cidade. A fotografia foi escolhida como recurso estratégico por seu papel já consolidado no universo artístico, bem como no processo de intervenção urbana. Ao mesmo tempo, é recurso didático valioso, já que apresenta um caráter democrático e popular que a aproxima dos jovens brasileiros da era digital.

Assim, a metodologia apresentada a seguir pode ser aplicada em oficinas de fotografia destinadas a alunos do ensino fundamental e médio, bem como em projetos destinados ao público adulto. A metodologia proposta é composta por oito etapas, sendo elas: 1. Apresentação da oficina "Fotografia e cidade: hora de intervir"; 2. Aplicação de questionário; 3. Aula: princípios básicos da fotografia; 4. Aula: Intervenção Urbana; 5. Elaboração do projeto coletivo; 6. Produção fotográfica e análise; 7. Intervenção e documentação; 8. Reflexão.

É importante ressaltar que essa metodologia se baseia nos pressupostos da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2008), na qual o ensino de Artes passa por três caminhos imprescindíveis: o Fruir, o Contextualizar e o Fazer. De acordo com essa teoria, bem aceita no atual cenário brasileiro, o educando precisa ter contato com artistas e obras de arte, conhecer a história, os materiais e as técnicas, bem como perceber-se como sujeito produtor de arte. Dentro dessa teoria, essas estratégias norteadoras se completam e tem igual peso no processo de aprendizagem.

Assim, as etapas propostas para o desenvolvimento desta oficina foram pensadas de forma a ensinar arte a partir desses pontos fundamentais (Fruir, Contextualizar e Fazer), como se pode verificar no detalhamento de cada etapa, apresentado a seguir.

As etapas dessa metodologia podem ser desenvolvidas durante oito encontros, cada um com duas horas de duração.

### **3.1 Etapas da metodologia**

Cada etapa da metodologia pode ser desenvolvida de acordo com as propostas a seguir.

### **3.1.1 Apresentação da oficina "Fotografia e cidade: hora de intervir"**

Nesta primeira etapa, o professor deve apresentar a oficina, ressaltando a proposta de discutir noções básicas de fotografia e intervenção urbana. É importante, nesta fase, não explicitar ou detalhar aos alunos as possíveis relações entre a intervenção urbana e a maneira como eles usufruem a cidade ou a relação com o direito à cidade, a fim de não interferir na percepção dos alunos e, conseqüentemente, no modo como eles respondem ao questionário. Essa etapa deve ocorrer na primeira aula da oficina.

O professor pode explicar à turma que a oficina se dividirá em classes voltadas para a apreciação, contextualização e realização de obras fotográficas e intervenção urbana. Ele pode explicar o que será proposto em cada dia da oficina: na primeira aula, o tema principal a ser abordado será a fotografia, e assim por diante.

Em seguida, sugere-se solicitar aos alunos que se apresentem brevemente, ressaltando as relações que têm com a fotografia, a intervenção urbana e as Artes em geral. O professor, é claro, também deve apresentar-se e, se possível, mostrar brevemente alguns de seus trabalhos na área para a turma, ou, ainda, trabalhos de artistas que considere relevantes. A apresentação das imagens pode ser feita por meio de um projetor.

### **3.1.2 Aplicação do questionário**

Ainda durante a primeira aula, o professor pode aplicar um questionário a fim de identificar determinadas percepções dos alunos em relação à cidade. Ele pode solicitar a ajuda dos alunos e pedir que respondam a algumas perguntas antes de, de fato, dar início à oficina de fotografia.

Nesta etapa, é importante justificar a aplicação do questionário. Recomenda-se explicar aos alunos que, como trabalharemos com a intervenção urbana, é importante para o professor começar a compreender a relação dos alunos com a cidade, espaço a ser trabalhado artisticamente durante as próximas atividades do projeto. Por isso, antes de começar a oficina, é

importante que respondam sinceramente a um breve questionário sobre suas relações com a cidade.

A seguir, um modelo de questionário para a oficina <sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Questionário elaborado com base no livro " Como elaborar questionários", de Sonia Vieira (2009).  
Referência disponível em:  
<[http://www.de.ufpb.br/~juliana/Estatistica%20aplicada%20ao%20servico%20social/Aula\\_questionario.pdf](http://www.de.ufpb.br/~juliana/Estatistica%20aplicada%20ao%20servico%20social/Aula_questionario.pdf)>  
Acesso em: 23 set. 2015.

Figura V



### Fotografia e cidade: hora de intervir

#### Questionário

1) Nome:

2) Idade:

3) Instituição/ Série:

4) Cidade:

5) Marque as opções mais adequadas:

Nasceu na cidade  Sim  Não

Há quanto tempo vive na cidade ?

Menos de 1 ano  Menos de 10 anos

Menos de 5 anos  Mais de 10 anos

6) Gosta de viver nessa cidade? Por quê?

---

---

7) Que locais da cidade você usa/usufrui?

---

---

8) Que outros locais gostaria de usufruir?

---

---

Modelo de questionário. Fonte: Autora.

Figura VI



9) Você acha que a cidade é sua? Por quê?

-----  
-----

10) O que você mudaria na cidade?

-----  
-----

11) Para você, a cidade é sinônimo de quê?

-----  
-----

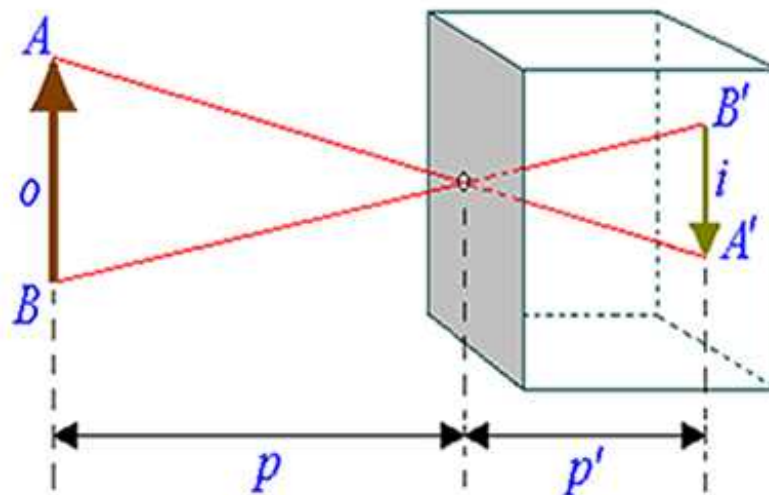
### 3.1.3 Aula: Princípios básicos da fotografia

Após a aplicação do questionário, o professor pode dar início à aula sobre princípios básicos da fotografia.

A aula pode ser composta por três etapas:

- Breve explanação sobre a história da fotografia: da primeira impressão fotográfica atribuída ao francês Niépce até as fotografias digitais. É importante ilustrar essa explanação, a fim de torná-la mais didática. As imagens devem ser projetadas em sala de aula. A seguir, alguns exemplos de imagens que podem ser utilizadas durante a explicação:

Figura VII



Esquema geral de uma câmara escura. Disponível em:  
<<http://www.brasilecola.com/fisica/camara-escura-orificio.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

Figura VIII



*View from the Window at Le Gras*, considerada a primeira foto da história. Joseph N. Niepce, 1826. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/12/primeira-fotografia-da-historia-e-exposta-na-alemanha.html>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

Figura IX



Chuva rápida na sexta-feira, fotografia digital feita pelo celular. Uai Phone, Belo Horizonte, 2015. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/uaiPhone/photos/a.470996072998397.1073741825.139711309460210/831090370322297/?type=3>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

- Explicação sobre o funcionamento básico da câmera fotográfica: o papel do diafragma, obturador, ISO, lentes. Recomenda-se projetar imagens que exemplifiquem o efeito de profundidade de campo, tempo de exposição, diferentes tipos de ISO, lente grande angular/tele/fixa.

Pode-se, também, demonstrar tais questões com o auxílio de uma câmera semiprofissional ou profissional, caso o professor tenha acesso a uma. Essa parte da explanação pode ser mais ou menos detalhada, dependendo do perfil dos alunos. Como a maioria pode não ter acesso a câmeras semi ou profissionais, o importante é focar na importância da luz para a fotografia e como todos esses elementos (ISO, diafragma, etc.) se relacionam com essa questão.

- Noções da linguagem fotográfica: plano, foco, movimento, forma, ângulo, cor, etc. É importante exemplificar tais questões com imagens. A seguir, duas imagens que podem ser usadas para trabalhar a noção de plano na linguagem fotográfica:

Figura X



Martin Luther King, exemplo do uso do *plongée* na fotografia. Henri Cartier-Bresson, Atlanta, 1961. Disponível em: <<https://www.artsy.net/artwork/henri-cartier-bresson-martin-luther-king-atlanta-1961>>. Acesso em: 21 nov. 2015.

Figura XI



*A sugar canecutterholdshermachete*, exemplo do uso do *contra-plongée* na fotografia. A. Abbas, Mexico, 1984. Disponível em: <[http://www.magnumphotos.com/C.aspx?VP3=CMS3&VF=MAGO31\\_10\\_VForm&ERID=24KL53B\\_Y](http://www.magnumphotos.com/C.aspx?VP3=CMS3&VF=MAGO31_10_VForm&ERID=24KL53B_Y)>. Acesso em: 21 nov. 2015.

Essa etapa do aprendizado deve pautar-se na contextualização e apreciação de obras que possam exemplificar o conteúdo estudado. O fazer, mais um dos pilares da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, vai ser abordado em outra parte da oficina.

Essa etapa deve ocorrer no primeiro e segundo dias de aula.

### **3.1.4 Aula: Intervenção urbana**

No terceiro dia da oficina, o tema a ser abordado vai ser a intervenção urbana.

Em círculo com os alunos, pode-se promover a discussão: o que significa, no campo das Artes, o termo intervenção? E intervenção urbana? Os alunos conhecem exemplos? Recomenda-se discutir o conceito e apresentar diferentes obras para a turma.

Figura XII



Intervenção realizada na Praia de Iracema, exemplo de intervenção urbana. Patrícia Gouvêa, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://patriciagouvea.blogspot.com.br/2014/04/fotografia-e-cidade-corpos-que-se.html>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

Caso seja possível que os alunos tenham acesso a computadores durante essa aula, pode-se solicitar que façam uma investigação sobre novas referências. Lembre aos alunos que, nesta fase, é importante buscar por artistas e obras que os inspirem, tendo em mente que, no próximo dia da oficina, será definido coletivamente uma proposta de intervenção, com o uso da fotografia, em algum ponto da cidade. Peça que eles pesquisem e, em grupos de 5 alunos, anotem sugestões de propostas a serem discutidas na próxima aula. É importante lembrar aos alunos da necessidade de atentar-se a logística, recurso e tempo disponíveis para a realização de um projeto que envolva fotografia e intervenção urbana.

### **3.1.5 Elaboração do projeto coletivo**

No quarto dia, o grupo deve elaborar, a partir das referências e do que foi estudado, um projeto coletivo de intervenção urbana que envolva a fotografia. Com a orientação do professor, os alunos devem considerar recursos, local a ser ocupado, tempo disponível, documentação do projeto, etc.

É importante fomentar as discussões: em que local da cidade vamos intervir? Por quê? O espaço escolhido influencia ou delimita, de alguma maneira,

nossas possibilidades de criação? Qual a relação entre o espaço e a intervenção? O que iremos fotografar? Por quê? Com que intuito faremos essa intervenção? Todas essas questões devem ser discutidas coletivamente, com a intermediação do professor.

Ao final da aula, é importante que essas informações sobre objetivo, como, onde e por que estejam definidas e sistematizadas.

### **3.1.6 Produção fotográfica e análise**

O quinto e sexto dias da oficina devem ser destinados à produção das fotografias e posterior análise. O primeiro passo é ir com a turma identificar e estudar o local escolhido para a intervenção. Depois, recomenda-se definir com os alunos em que locais eles irão fotografar. Destine o primeiro dia para a produção das fotos. No final da tarefa, oriente cada aluno a eleger duas fotografias dentre aquelas que eles fizeram, a fim de apresentá-las para a turma no dia seguinte.

No sexto dia da oficina, é hora de voltar para a sala de aula. Cada aluno vai apresentar para a turma duas imagens feitas no dia anterior. Propõe-se que a turma faça uma análise coletiva das imagens expostas, pensando-se no que foi aprendido sobre técnica e linguagem fotográfica. No final da aula, além dessa discussão, é importante haver selecionado, coletivamente, as imagens que serão utilizadas na intervenção. Sugere-se a seleção de uma imagem por aluno.

As imagens selecionadas devem ser arquivadas e preparadas para o dia seguinte. Caso seja necessário imprimir as fotos para a intervenção (algumas turmas podem decidir por projetá-las, caso seja possível), o professor pode negociar com a turma como fazê-lo. Os alunos podem pagar pela impressão das fotos escolhidas? A escola tem recursos para pagar? A oficina contou com uma pequena taxa de inscrição? De qualquer forma, recomenda-se que o professor colete o dinheiro, imprima as fotos e leve-as prontas para o encontro do dia seguinte<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Embora Janaína André, diretora do projeto Mapa Gentil, tenha salientado que o custo da impressão das fotos possa ser um empecilho para desenvolver uma oficina de fotografia, acho que é possível pensar em algumas maneiras para sanar o problema, como as expostas acima. Quando ministrei, em parceria com Carolina Gouvêa e André Azevedo, a oficina "Retina Digital" durante a Semana da Arquitetura e Urbanismo

Também é importante definir os últimos detalhes relacionados à intervenção, caso ainda existam dúvidas.

### **3.1.7 Intervenção e documentação**

O sétimo dia da oficina será dedicado à intervenção propriamente dita. A dinâmica desse dia deve respeitar o que foi acordado com a turma nos dias de planejamento. É importante que todos os alunos participem ativamente do processo. Além disso, toda a dinâmica deve ser documentada. Recomenda-se pedir aos alunos que reflitam: como a intervenção vai dialogar com os transeuntes?

### **3.1.8 Reflexão**

O oitavo e último dia da oficina deve focar na reflexão sobre a experiência vivida durante todo o processo, além do debate sobre o conceito de direito à cidade. O professor pode pedir que a turma sente-se em círculo e comente o processo de intervenção.

Depois deste momento de discussão, o professor pode devolver os questionários preenchidos pelos alunos e solicitar que eles leiam novamente suas respostas. Deve-se solicitar aos alunos que respondam novamente numa folha sulfite à pergunta: " Para você, a cidade é sinônimo de quê?". Caso queiram reescrever a resposta de alguma outra pergunta (perguntas 8, 9 e 10), também podem fazê-lo na folha sulfite.

Tendo feito isso, as perguntas do questionário vão nortear um novo debate. É hora de refletir sobre as nossas respostas e compartilhá-las. À discussão, o professor pode introduzir o conceito do direito à cidade, a partir de textos, noticiários e vídeos que tratem das questões da vida urbana. Sugere-se discutir com os alunos o papel e a importância das cidades em nossas vidas. É

---

da UFSJ de 2011, por exemplo, a questão foi resolvida como apoio da organização do evento, que pagou pela impressão das fotos.

importante, também, pedir para que reflitam sobre suas relações com a cidade; os deveres e os direitos que têm em relação a ela.

Para finalizar, o professor pode comentar o porquê da proposta de, por meio da arte, realizar essa oficina de intervenção na cidade: mais do que "embelezar" ruas e prédios, a oficina foca no ensino/aprendizagem de aspectos da fotografia e intervenção urbana, bem como na reflexão sobre o conceito de direito à cidade.

### **Considerações Finais**

Ao possibilitar que os alunos/artistas/cidadãos experienciem a cidade, a intervenção urbana ajuda a modificar a relação entre os indivíduos e seu entorno. Portanto, o ensino/aprendizagem em Artes, por meio de oficinas de intervenção urbana, tem um grande potencial no que tange à reflexão sobre a questão do direito à cidade.

Entretanto, é importante pensar em formas de atuação que abordem essa relação entre indivíduo e urbe de maneira crítica, de forma a não esvaziar essa discussão. Afinal, a Arte não existe apenas para embelezar o mundo, da mesma forma que nossa relação com a cidade passa por questões complexas que envolvem deveres, direitos, poder e usufruto.

Ao mesmo tempo, é importante destacar que o Ensino de Artes nas escolas é extremamente valioso para a formação de nossos alunos. É preciso identificar e respeitar as especificidades dessa área de conhecimento, ao mesmo tempo em que aproveitar todo o seu potencial.

No que tange às questões do direito à cidade, o Ensino de Artes pode se configurar em uma maneira de fomentar a participação cidadã. A metodologia proposta neste trabalho problematiza a questão do direito à cidade de forma consciente e se propõe a auxiliar o aluno a pensar/vivenciar/intervir/ocupar o espaço urbano, garantindo assim o direito do cidadão de usufruir a cidade, assim como o direito de aprender arte. Assim, essa metodologia se propõe a ajudar na reconquista da urbe pelo cidadão, ajudando a garantir o direito à cidade.

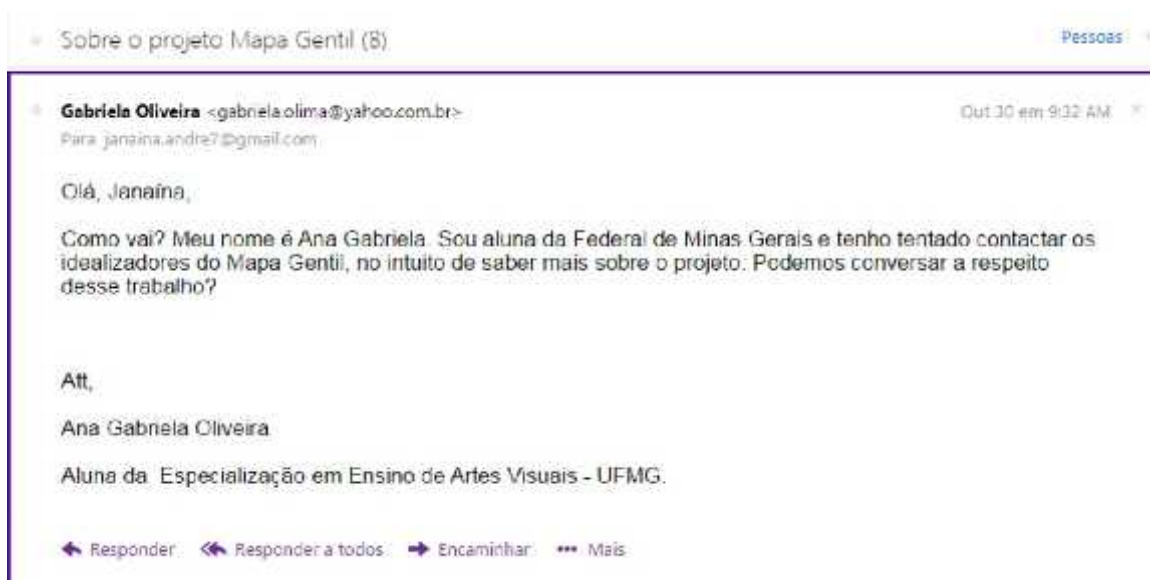
## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. (Org.). *Ensino da arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC /SEF, 1997.
- BRASIL. Senado Federal. Estatuto da Cidade. Brasília - 2004. Lei nº10.257, de 10 de julho de 2001.
- BRASIL. Senado Federal. Senador RAMEZ TEBET. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília - 2005. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- FERNANDES, Ana Rita Vidica. *Fotografia e cidade: corpos que se entrecruzam nas intervenções artísticas urbanas*. In:MONTEIRO, R.H. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual. Goiânia - GO: UFG, FAV, 2013.
- FERNANDES, Ana Rita Vidica. *Fotografia e cidade: corpos que se entrecruzam nas intervenções da obra "Imagens Posteriores"*. XXIII Encontro Anual da Compós, Pará, maio 2014. Disponível em: [http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT11\\_ESTUDOS\\_DE\\_CINEMA\\_FOTOGRAFIA\\_E\\_AUDIOVISUAL/artigo\\_anarita\\_xxiiicompos\\_2219.pdf](http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT11_ESTUDOS_DE_CINEMA_FOTOGRAFIA_E_AUDIOVISUAL/artigo_anarita_xxiiicompos_2219.pdf). Acesso em: 30 maio 2015.
- GOUTHIER, Juliana. *História do Ensino da Arte no Brasil*. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa et al. Curso de Especialização em ensino de artes visuais. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2009.
- HARVEY, David. *O direito à cidade*. Tradução de Jair Pinheiro. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/neils/downloads/neils-revista-29-port/david-harvey.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2015.
- INTERVENÇÃO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo8882/intervencao>>. Acesso em: 17set. 2015.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2008.
- MAPA GENTIL. *Conceito* – Distrito Federal: Catálogo. Distrito Federal, 2014, 25 p.
- \_\_\_\_\_. *O projeto*. Disponível em:<<http://mapagentil.com.br/o-mapa-2/>>. Acesso em: 27 set. 2015.

- PORTAL de notícias da Globo. *Primeira fotografia da história é exposta na Alemanha*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/12/primeira-fotografia-da-historia-e-exposta-na-alemanha.html>>. Acesso em: 20 nov. 2015.
- RAMOS, Matheus Mazini. *Fotografia e arte: demarcando fronteiras*. Disponível em: <[http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_12/contemporanea\\_n12\\_12\\_matheus.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_12/contemporanea_n12_12_matheus.pdf)>. Acesso em: 11 set. 2015.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SILVA, Domiciano Correa Marques Da. "Câmara escura de orifício"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/fisica/camara-escura-orificio.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2015.
- TELÉSFORO, João. *Notas sobre um pensador marxista que alertou: a força das metrópoles está na reinvenção permanente da vida social, não na matemática dos planejadores*. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blogdascidades/2011/07/25/henri-lefebvre-inventor-do-direito-a-cidade/>>. Acesso em: 10 set. 2015.
- TRIGO, Luciano. *A fotografia reinventada*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2010/04/11/810/>>. Acesso em: 16 set. 2015.

## Anexo(s)

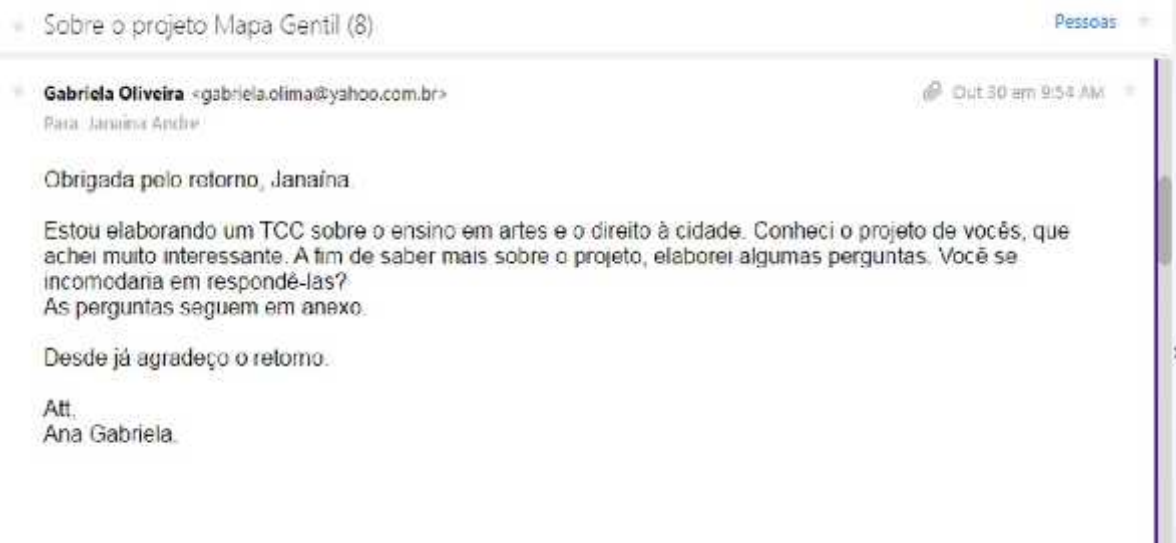
ANEXO A – Cópia dos e-mails entre a autora e Janaína André, a respeito do projeto Mapa Gentil



Cópia 1: Primeiro contato realizado via e-mail com a idealizadora do Mapa Gentil, Janaína André



Cópia 2: Resposta de Janaína André ao primeiro contato



Cópia 3: Terceiro correio eletrônico



Cópia 4: Quarto correio eletrônico

Sobre o projeto Mapa Gentil (8) Pessoas

**Janaína Andre** <janaína.andre7@gmail.com> Nov 16 em 10:09 AM  
Para: Gabriela Oliveira

 **Conceito proposta, Catalogo 2014.pdf**

Olá Gabriela tudo bem?

desculpa a demora mas estou numa correria com a nova edição. Estava lendo o questionário e vi que a maior parte das informações que vc busca estão na publicação que fizemos em um catálogo para justamente explicar o conceito e a metodologia do projeto. Acho que a única informação que não consta é sobre a oficina de fotografia que não houve pois ainda não tivemos condições financeira de imprimir fotos para disposição nas ruas.

Percebemos grandes mudanças nos alunos a medida em que nos relataram que foram tomando consciência do trabalho coletivo, mudaram de ideia sobre carreiras profissionais, se sentiram mais seguros para procurar o primeiro emprego.

Bem se houver alguma informação que não tenha sido esclarecida, solicite por gentileza.

Abraços

Janaína

Cópia 5: Resposta de Janaína André ao questionário

## ANEXO B – Questionário enviado para Janaína André, a respeito do projeto Mapa Gentil

### Questionário \_ Projeto Mapa Gentil

- 1- Por que surgiu o interesse em desenvolver esse projeto?
- 2- Qual (s) o (s) principal (s) objetivo (s) do Mapa Gentil?
- 3- Qual é a metodologia aplicada?
- 4- Como são definidas as linguagens artísticas a serem abordadas com os alunos?
- 5- Já foi ministrada alguma oficina de fotografia? Por quê?
- 6- Por que desenvolver oficinas de intervenção urbana?
- 7- É um dos objetivos do projeto modificar as relações entre os alunos e o espaço urbano?  
Como e por quê.
- 8- Como avalia os resultados do projeto? Ele tem alcançado seus principais objetivos?
- 9- Os alunos demonstram alguma mudança em relação a como veem/se comportam com a cidade?